



# PODER

JOYCE PASCOWITCH

FEVEREIRO 2012 N.47

## QUEBRA-CABEÇA

O psiquiatra **WAGNER GATTÁZ** leva a terapia por webcam a um dos maiores hospitais públicos do Brasil

## OLHO NO LANCE

O campo deles é outro: saiba quem são os empresários responsáveis pelas **MILIONÁRIAS TRANSAÇÕES** do futebol

## VELOZES E FURIOSOS

Os carros mais cobiçados – com seus motores de muitos cavalos e cifrões

**ROGER ABDELMASSIH**

# NINGUÉM SABE, NINGUÉM VIU

Foragido há um ano, médico que foi cassado deixou, além de vítimas indignadas, dívidas milionárias e credores em busca dos bens que restam

## VIRA-CASACA

**MARCELO SERRADO** deixa o mordomo gay do horário nobre no armário e reencarna o macho

**E MAIS: ESPECIAL DE VERÃO:** da gastronomia aos esportes, o que há de mais quente – e refrescante – para a temporada; por ar, terra ou água, conheça **MACHU PICCHU** e **TITICACA**; estúdios **BABELSBERG**, a Hollywood alemã, faz 100 anos; o mundo está de olho na **FUNDAÇÃO DOM CABRAL**, a escola dos megaexecutivos





ESPELHO

## ARQUITETO DAS PALAVRAS

Um amigo em comum brinca que os arquitetos **GUSTAVO PENNA** e Oscar Niemeyer “são parentes de pena”. Não que os traços deles sejam tão semelhantes assim. A impressão é que os dois compartilham o mesmo amor pelas palavras e pelos símbolos – escritos ou não. Penna diz que gosta de acompanhar de perto a execução de seus projetos. “Além da obra e dos detalhes dela, eu preciso conversar com o cliente. Muitas vezes temos de projetar o que ele não disse. A arquitetura é interpretação não só do verbal”, diz. “Primeiro não vem o croqui. Primeiro vem a experiência de entrar no ambiente em que os símbolos moram. São eles que dão os ingredientes para a criação.” Talvez seja por isso que os prédios criados por ele parecem interagir com o cenário ao redor.

São de Penna, por exemplo, o Expominas, centro de exposições de Belo Horizonte – que ele mineiramente chama de Uainhembí, em referência ao prédio de mesma função em São Paulo –, as sedes da Cemig e da Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração e também a ampliação do Mineirão para os jogos da Copa. Em todas, ele busca uma arquitetura de diálogo, em que os espaços promovam o convívio e a integração com a natureza. “Os prédios têm de brincar com o sol, com o vento, com o azul do céu. É preciso fugir da tendência e do que é moda”, afirma.

Sobre a Copa de 2014, diz que o país não pode deixar passar mais uma oportunidade de rever o ambiente urbano das cidades-sede. “Estou preocupado em tornar a cidade caminhável”, explica, fugindo da palavra pedestrianismo, que ele decreta ser muito feia. “O desafio é ter mais espaços que contenham diversos fins, aproveitando o escasso dinheiro público”, diz o arquiteto, que desde o começo do ano divide seu tempo entre o centenário casarão em que trabalha em Belo Horizonte e o escritório do Itaim, em São Paulo – no qual observa os sabiás que visitam o pequeno jardim, atraídos pelo seu imitar do canto do pássaro. Afinal, a arte vai além da palavra. ■

POR FABIANA PARAJARA FOTO CAROL SACHS